

SESSÕES DO PLENÁRIO

32ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 04 de agosto de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADA NEUSA CADORE (AD HOC)

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore): - Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão em comemoração aos 10 anos do programa Todos Pela Alfabetização – Topa, proposta pelo nosso mandato.

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Bom dia a todos.

Convido para compor a Mesa o Sr. Walter Pinheiro, secretário Estadual da Educação; o Sr. Jaques Wagner, secretário Estadual de Desenvolvimento Econômico, nosso querido ex-governador; a Srª Francisca Elenir Alves, coordenadora-geral de Projetos Especiais da SEC e coordenadora do Programa Todos Pela Educação; a Srª Mônica Aragão, defensora pública, representante do defensor público-geral, Clériston Macedo; o Sr. Coronel Sérgio Baqueiro, diretor de Ensino do Colégio da Polícia Militar, representando o comandante-geral, coronel Anselmo Brandão; a Srª Ângela Antunes, diretora Pedagógica do Instituto Paulo Freire; a Srª Andréia dos Santos Santana, representante de todos os alfabetizadores do Topa; a Srª Luciana do Espírito Santo Xavier, representante de todos os alfabetizandos e alfabetizandas do Topa; o Sr. Osvaldo Barreto, ex-secretário da Educação; o Sr. Adeum Sauer, ex-secretário da Educação; o Sr. Professor Edgard Larry, presidente do Instituto Imborés. (Palmas)

Neste momento, de pé, ouviremos o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.) (Palmas)

(A deputada Neusa Cadore faz uso da palavra.)

A Srª NEUSA CADORE:- Mais uma vez, quero saudar com emoção, alegria e agradecimento a cada uma e a cada um de vocês que nos dão a alegria de estar conosco nesta manhã. Quero saudar toda a Mesa, que acabei de nominar. Então, vou saudar todas as queridas pessoas que compõem esta Mesa saudando o nosso ex-governador Jaques Wagner. (Palmas)

No primeiro momento, na chegada das pessoas, no abraço na sala ao lado, acho que todos nós tivemos um momento de emoção, um momento de muita alegria. Nós aqui, na verdade, representamos vocês, um exército de pessoas que fizeram a história desses 10 anos do Topa. Sabemos que esse programa, além de garantir o direito à educação, na verdade, tem um simbolismo muito grande. Ele se propôs a ser a porta de entrada para a inclusão educacional de sujeitos que figuram entre aqueles que ainda hoje são os mais excluídos da nossa sociedade: os pobres, os negros, as

mulheres, os indígenas, pessoas que normalmente estão na periferia das grandes cidades ou no campo.

Vivemos em um País onde a educação esteve restrita às elites, e mesmo que a lei, a Constituição, a Carta Magna tenha estabelecido o direito à educação, ele não foi estendido de forma igualitária aos homens e mulheres do nosso País. Isso provocou uma série de distorções e aprofundou desigualdades sociais.

(Lê) “O grande educador Paulo Freire nos ensinou que a educação é a base de qualquer processo de transformação social. Ela é um dos caminhos para alcançar uma vida sem pobreza, por meio da qualificação para o trabalho, e uma maior participação na sociedade. Sabemos que quem não tem acesso à educação não consegue ter o direito de exercer plenamente sua cidadania.”

Gostaria de registrar, neste momento, de forma muito particular, que o evento de hoje tem um grande significado. Nós vivemos um momento extremamente grave, preocupante da política nacional. As intervenções de um governo ilegítimo e sem o voto de nenhum brasileiro promove o desmonte de um Estado que se propunha a fazer a real democracia.

(Lê) “Desde o presidente Lula, a política nacional de educação permitiu a inserção recorde de crianças, jovens e adultos em todos os níveis de ensino. Durante esse período, o orçamento destinado à educação cresceu 223%. Nós saímos de R\$ 18 bilhões, em 2002, para R\$ 115 bilhões, no final desse período.

Nós sabemos que foram criadas 18 universidades, e na Bahia foram mais cinco. Nós sabemos da importância do programa de cotas, da lei que garantiu aos estudantes negros, indígenas e vindos das escolas públicas que pudessem colorir as universidades, mudar a cara das universidades.

Sabemos da importância do programa Ciência Sem Fronteiras, que chegou a oferecer espaço para 100 mil alunos cursarem boas universidades no exterior e fazerem a sua especialização. Nós sabemos do alcance do Pronatec, que saiu de 140 escolas para 562 escolas técnicas federais, muitas delas em território baiano.”

E quando o Topa iniciou, éramos um estado que amargava... éramos um destaque negativo, porque aqui se concentrava um grande número de pessoas que não teve acesso à alfabetização, à educação.

Em 2007, 55% das pessoas com mais de 40 anos eram analfabetas na Bahia. Então, a taxa que era de 33,4% de analfabetismo caiu para 26,3%, em 2013, no último Censo. São os dados disponíveis, mas sabemos que o programa segue, e que nós já avançamos mais.

Então, companheiros e companheiras, todas as instituições aqui presentes, nós *(Lê) “estamos aqui para celebrar os frutos dessa caminhada, desse trabalho construído por muitas mãos, muitas anônimas, numa grande rede que envolveu o poder público e entidades do movimento social. Nós temos a participação de sindicatos, associações comunitárias, comunidades quilombolas, ciganos, indígenas, terreiros de cultura afro, igrejas, presídios, universidades etc.”*

E nada mais justo do que fazermos uma saudação especial ao nosso ex-governador, nosso valoroso companheiro Jaques Wagner, que teve a sensibilidade de iniciar esse programa.

Gosto sempre de registrar que foram grandes programas estruturantes. A educação foi um deles, com certeza. Tivemos o projeto Água para Todos, Luz para Todos, os projetos de habitação, os projetos que permitiram que a malha viária do nosso Estado fosse desenvolvida para levar desenvolvimento para qualquer região, independentemente de qual canto da Bahia estivéssemos.

Mas queremos também destacar o desempenho e o empenho, a dedicação dos alfabetizadores, das alfabetizadoras, dos alfabetizados, das alfabetizadas que nos dão um exemplo de superação, coragem e de ousadia.

Se pudéssemos dar a palavra a muitos de vocês, a cada um, teríamos aqui um conjunto de questões muito importantes e histórias muito lindas que fizeram nesses 10 anos uma verdadeira revolução na Bahia. Com certeza, o nosso mestre Paulo Freire está feliz e orgulhoso. E como diz uma frase dele: *“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”*.

Então, precisamos ressignificar a educação, precisamos fazer dela uma ferramenta para que possamos restabelecer a democracia.

Estamos aqui, hoje, para dizer que estamos vivos, que sonhamos, que acreditamos, que lutamos e construímos uma história que incluiu pessoas, uma história que levou esperança. E, mais do que nunca, que esse é o momento de resistir, de continuar sonhando.

Eu aprendi no meu pequeno Município de Pintadas que vamos conquistando, superando desafios e agregando dentro de nós, aumentando dentro de nós a certeza de que podemos, sim.

A nossa tarefa é continuar lutando. A nossa tarefa é resgatar a democracia. E democracia se resgata com direito a escolher o nosso governante.

Diretas já! Lula 2018! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando seguimento, convido para se pronunciar a diretora pedagógica do Instituto Paulo Freire, Sr^a Ângela Antunes. (Palmas)

A Sr^a ÂNGELA ANTUNES:- Bom dia a todas e a todos.

Na pessoa da proponente da sessão, deputada Neusa Cadore, saúdo os demais membros da Mesa.

Como foi dito, sou Ângela Antunes. Estou aqui, também com outro diretor do Instituto, que é o professor Paulo Roberto Padilha, representando o Instituto Paulo

Freire, e quero agradecer pela imensa, pela profunda honra de compartilhar com vocês este momento de celebração dos 10 anos do Topa.

Como a deputada Neusa mencionou, vivemos um contexto de *show* de horrores no âmbito federal que muitas vezes nos convida à desistência. Mas encontros como este alimentam a nossa esperança. Se há um público que nos dá lição de esperança é o público da educação de jovens e adultos; é o público da alfabetização de jovens e adultos (palmas), seja pelos alfabetizadores, pela equipe da secretaria, na figura da Elenir, coordenadora, os supervisores, coordenadores de núcleos, e os grandes transmissores de esperança, ícones de esperança, que são os alfabetizandos, historicamente excluídos e que persistem, que vão para as salas de aula, brigando por esse direito humano, que é o direito à educação.

Então, poder estar aqui com vocês, celebrando esses 10 anos do Topa, é um momento de profunda alegria e de profunda honra. No ano que vem, 2018, completaremos 50 anos de *Pedagogia do Oprimido*, 50 anos do livro mais conhecido de Paulo Freire.

Paulo Freire faz uma dedicatória em *Pedagogia do Oprimido*. Ele diz: “Aos esfarrapados do mundo e aos que com eles sofrem, mas, sobretudo, aos que com eles lutam.”

A Bahia, nesses últimos anos – o ex-governador Jaques Wagner, Rui Costa, secretário Barreto, secretário Walter Pinheiro, essa equipe que está aí –, não somente se sensibiliza com os esfarrapados do mundo, sofre com os esfarrapados do mundo. Mas, no que diz respeito à alfabetização de jovens e adultos, com eles luta, porque resiste diante desse cenário e continua investindo em alfabetização de jovens e adultos.

Nós, do Instituto Paulo Freire, que temos percorrido o Brasil, percebemos a diferença que a Bahia faz continuando nessa luta pela alfabetização de jovens e adultos. Então, muito obrigada. Parabéns a todos os alfabetizadores, alfabetizadoras, coordenadores de núcleos, supervisores, essa equipe maravilhosa da coordenação do Topa, que fazem os alfabetizandos toparem a vida e terem esperança.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada.

Convido para fazerem parte da Mesa os deputados federais aqui presentes, os deputados Afonso Florence e Robinson Almeida. (Palmas)

Dando seguimento, convidamos para se pronunciar a coordenadora do Programa Todos pela Alfabetização, Sr^a Francisca Elenir Alves. (Palmas)

A Sr^a FRANCISCA ELENIR ALVES:- Bom dia a todas e a todos.

É com muita alegria que nós estamos aqui para celebrar 10 anos de luta. E, antes da minha fala, eu queria fazer uma homenagem. A minha palavra de ordem hoje é: gratidão, para vocês.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

Eu gostaria de saudar a Mesa. O Topa é isto: é feito de muitas mãos, das mãos deste Plenário e das mãos dessa Mesa. Queria saudar a Mesa na pessoa do ex-governador Jaques Wagner, saudar todos os secretários, professor Adeum, professor Barreto e professor Pinheiro, que são os três secretários.

Eu estou há 10 anos na Secretaria, desde o início do Topa. Chamaram-me para essa missão na época da gestão do professor Adeum, que foi o primeiro secretário que topou.

Quero agradecer à deputada Neusa Cadore e a toda sua equipe pela iniciativa desta sessão, viemos construindo isso há 3 meses.

Quero dizer que hoje é um dia de celebração, mas também um dia de protesto. Não podemos deixar de registrar o corte que foi feito, o golpe dado na luta contra o analfabetismo nordestino. Não só no baiano, mas também no nordestino. Isso é um crime que está sendo feito com o nosso País.

Eu trabalho com educação de jovens e adultos há 26 anos, toda a minha trajetória como educadora, acadêmica, no mestrado e doutorado, foi nessa área. Ficamos tristes e, ao mesmo tempo, resistimos. Resistimos com o Topa, como disse a professora Ângela aqui, resistimos com as ações. Então, o Topa foi feito a muitas mãos.

Eu queria registrar a presença aqui dos representantes das entidades dos movimentos sociais.

Em 2007, quando fui convidada para organizar esse programa, uma das primeiras coisas que me falaram lá, em Brasília, no MEC, é que não podia ter entidades dos movimentos sociais nesse programa. Eu, enquanto educadora, que vim do movimento social com toda uma trajetória de vida, pensei: como vamos construir um programa dessa dimensão sem os movimentos sociais? Como vamos construir um programa para ter a capilaridade que o Topa tem sem as entidades dos movimentos sociais e sindicatos? Então, a isso a Bahia já se negou de cara em 2007. (Palmas)

E, como sempre brinco na equipe, nesses 10 anos a gente vai inventando muita coisa no Topa. Inventamos um termo de adesão para as entidades dos movimentos sociais e sindicais, além da adesão das prefeituras. Então, muitas pessoas neste Plenário acompanharam toda essa luta junto comigo para construir esse programa, valorizando esse saber da educação popular que a gente não pode perder nunca. Nosso mestre Paulo Freire está aí, Paulo Freire vive, Paulo Freire pulsa em cada um de nós.

Ângela, nós queremos transformar a Bahia não só num Estado alfabetizador, a Bahia já é um Estado alfabetizador, mas também queremos transformar a Bahia num Estado leitor. Daí a importância da proposta de pensarmos para o ano que vem, serão

50 anos da *Pedagogia do Oprimido*, e em 2019, a leitura. Eu acho que é um momento importante para construirmos isso desde agora para avançarmos nessa oportunidade de escolaridade para todos os trabalhadores e trabalhadoras baianas.

Nós protestamos, celebramos, resistimos e continuamos acreditando, como nos ensinou o nosso mestre Paulo Freire, que alfabetizar é um ato político, alfabetizar é um ato criador, alfabetizar é um ato transformador. E eu sempre completo: por que não dizer, um ato emancipador?

O Topa chega aonde nada chega, ex-governador; o Topa chega, muitas vezes, aonde nada chega. Mas o Topa chega lá! Nós temos o desafio da busca ativa, vamos reduzindo o analfabetismo e continuando esse trabalho.

Muito obrigada por essa oportunidade. Quero agradecer pela ajuda e apoio nesses 10 anos aos meus dois ex-secretários e ao meu secretário atual, que agora me deu mais outras ações de alfabetização. Eu digo que ele me deu mais outros brinquedinhos para coordenar. Agora, estamos trabalhando nas duas pontas. No começo eu não estava muito convencida, não. Então, a gente está trabalhando agora nas duas pontas da alfabetização: na alfabetização de crianças e na alfabetização dos nossos adultos e idosos.

Então, viva a Bahia. E reafirmo: a Bahia é um estado alfabetizador.

Obrigada a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Neste momento vamos, também, dar voz a alguns alfabetizados do Topa. Vamos assistir a um vídeo com depoimentos.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando seguimento, convido para se pronunciar uma representante de todos os alfabetizados do Estado da Bahia pelo Programa Topa, a Sr^a Luciana do Espírito Santo Xavier, pelo tempo de 5 minutos. (Palmas)

A Sr^a LUCIANA DO ESPÍRITO SANTO XAVIER:- Bom dia a todos.

Meu nome é Luciana, eu estudei no Topa. Estou feliz porque concluí o Topa. Fiquei muito alegre e concluí todos. Obrigada, gente, o Topa surgiu na minha vida e eu aprendi muito, porque eu não sabia ler nem escrever. O Topa... (palmas) ...obrigada pelo Topa e, principalmente, pela professora que me ajudou muito. Obrigada, pró! Obrigada a todos! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada, Luciana.

Eu gostaria de fazer um anúncio. Temos presentes os municípios: Salvador, Caetité, Jacobina, Nova Fátima, Seabra, Itambé, Macaúbas, Vitória da Conquista, Catu, Jequié, Teixeira de Freitas, Paulo Afonso, Senhor do Bonfim, Mairi, Guanambi, Camaçari, Lauro de Freitas, Alagoinhas, Coaraci, Itabuna, Paulo Afonso, Sento Sé, Juazeiro, Jacobina, Cruz das Almas, Bom Jesus da Lapa, Santa Maria da Vitória, Feira de Santana, Itapetinga, Valença, Itaberaba, Ipirá, Amargosa, Ribeira do Pombal, Eunápolis, Irecê, Ilhéus, Aratuípe, Arataca, Serrolândia e Ponto Novo. (Palmas)

Dando seguimento, vamos assistir a um vídeo que é o depoimento de uma alfabetizadora.

(Procede-se a apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra à representante de todos os alfabetizadores e alfabetizadoras do Topa, a Sr^a Andréia dos Santos Santana, pelo tempo de 5 minutos. (Palmas)

A Sr^a ANDRÉIA DOS SANTOS SANTANA:- Bom dia a todos.

Peço desculpas pela minha emoção. O Programa Topa foi fundamental em minha vida. Tive muita dificuldade. O primeiro ano em que dei aula foi em 2009. Eu tinha de atravessar o rio, como vocês viram no vídeo, de barco. Às vezes, não se tinha condição de fornecer gasolina e ia-se de remo. Mas eu não faltava um dia sequer. Atravessava o rio e, mais à frente, havia um lago. Para atravessar, nós tirávamos a roupa para não a molhar. Quando chegávamos, os alunos já estavam todos presentes, aguardando a mim.

Nesse tempo, o que mais me deixou feliz foi que... eles são moradores da zona rural e tinham de vender muita coisa na feira, mas me diziam que não iam vender os seus produtos porque não sabiam contar, ou seja, não sabiam passar troco. Como iriam à feira para vender seus produtos? Ensinei a eles. Hoje, eles já sabem ler, sabem passar troco.

E isso, para mim, é muito gratificante, porque eles aprenderam e, ao mesmo tempo, eles me dão força pelo que fiz por eles. Eu sou muito gratificada. Toda vez que eles passam por mim, me agradecem. Isso, para mim, é fundamental. Eu agradeço. Faria tudo de novo por vê-los felizes, e por ver meu marido feliz também, porque ele era analfabeto e consegui fazer com que ele lesse. Isso, para mim, é uma vitória.

E pode ter dificuldade, pode ter o que for, faria tudo de novo.

Obrigada. (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Parabéns, Andréia.

Vamos ouvir, agora, uma apresentação musical muito própria a este momento.

Quero anunciar que estão presentes o Sindomédico, representantes da Comunidade Terapêutica Rosa de Sarom, Movimento de Pequenos Agricultores – MPA, Instituto Educacional do Recôncavo, representantes do Conselho Estadual de Educação, representação da UESC, representação do Bom Samaritano, Grupo de Mulheres da Mata Escura. (Palmas) E também se faz presente a assessoria da vereadora Marta Rodrigues.

Agora, a apresentação de Marcelo Borges.

(Apresentação musical.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Gostaria de ler um ofício vindo da secretária particular do governador:

(Lê) “*Senhora Deputada,*

Com os nossos cumprimentos, confirmamos o recebimento do convite referente à Sessão Especial que ocorrerá na Assembleia Legislativa da Bahia nessa sexta-feira, 04 de agosto de 2017, em comemoração aos 10 Anos do Programa Todos pela Alfabetização. Informamos, no entanto, que em virtude de compromissos institucionais previamente firmados não será possível a participação do Exmo. Sr. Governador Rui Costa.

Aproveitamos o ensejo para agradecer a atenção dispensada a este Gabinete.

Atenciosamente,

Elisa Cristina Guimarães Pellegrini

Secretária Particular do Governador”

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando seguimento, vamos convidar o deputado federal Robinson Almeida para um breve pronunciamento, uma saudação.

(Apresentação de vídeo.)

O Sr. ROBINSON ALMEIDA:- Bom dia a todos, bom dia, Sr^a Presidente desta sessão, deputada Neusa Cadore.

Comecei com esse vídeo, quebrando até o roteiro que estava pré-estabelecido, porque o Topa deu vários filhos alfabetizados, mas também virou referência em outras áreas.

Gostaria, aqui, de cumprimentar o secretário de Desenvolvimento Econômico, ex-governador da Bahia, governador Jaques Wagner, por conta da sua decisão, da sua determinação em enfrentar essa chaga que fazia da Bahia campeã nacional do analfabetismo, no ano de 2007, quando assumiu o governo e estabeleceu esse programa como prioridade. (Palmas)

Lembro, secretário Adeum, das primeiras tratativas para formatação do programa e do empenho que tivemos em equipe. Eu era, então, secretário da Comunicação e, desde a criação do nome Topa – Todos pela Alfabetização, tive um envolvimento emocional muito grande.

Quando vejo Elenir falar aqui, vejo essa energia contagiante que contaminou toda a equipe e toda a Bahia. Foi um mutirão por alfabetização na Bahia. Esse Topa foi uma revolução que fizemos.

Na verdade, chamo os alfabetizadores de agentes comunitários de educação, porque, semelhante aos agentes comunitários de saúde, eles vão na Bahia profunda, na Bahia excluída, onde o Estado não chega e não chega nem mesmo a polícia. E, lá, eles conseguem trazer para a inclusão social, dando a oportunidade do acesso a fundamentos básicos civilizatórios, que é o acesso à leitura e à aprendizagem. (Palmas)

Então, queria parabenizar todos vocês, cumprimentar toda a Mesa, o atual secretário da Educação, e destacar, também, o papel de Osvaldo Barreto.

Lembro da experiência de enviar os livros para aqueles alfabetizados, uma etapa importante para dar continuidade à leitura, para não se perder aquele conhecimento acumulado naquele período. E o mutirão que foi feito na Bahia.

E falar, também, que o Topa fez com que essa propaganda que vocês viram de Dona Enedina fosse premiada nacionalmente. O governo da Bahia recebeu um prêmio como a melhor propaganda institucional do ano de 2009. Graças ao Topa, graças a vocês, graças ao governo da Bahia com Dona Enedina.

Parabéns, deputada Neusa, por esta brilhante iniciativa. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito obrigada, Robinson.

Também para uma saudação, concedo a palavra ao deputado federal Afonso Florence.

O Sr. AFONSO FLORENCE:- Gostaria de saudar a deputada Neusa Cadore, proponente desta sessão especial; saudar todas as mulheres, educadoras, alunas, aprendizes do Topa na pessoa de Elenir, pelas atribuições que ela cumpriu ao longo de todo esse tempo; saudar o secretário Walter Pinheiro, o secretário Adeum, e o secretário Osvaldo Barreto. Gostaria de fazer uma saudação muito especial ao deputado Robinson Almeida que, assim como Neusa, é um deputado destacado; Neusa nesta Casa e Robinson na Câmara Federal. E fazer uma saudação carinhosa – o Topa é a cara disso, muita política, boa política, alta política – ao ministro, eterno governador da Bahia, Jaques Wagner, a maior liderança política de todos os tempos da história da Bahia, parabéns. (Palmas)

Peço desculpas a vocês pela emoção, mas quero justificar porque eu e Robinson chegamos atrasados, desculpem-nos. Estávamos no Ministério Público, fazendo mais uma representação contra o prefeito de Salvador que, no horário administrativo da semana, estava fazendo campanha antecipada em Jacobina. Ele tenta atrapalhar o metrô, inaugura viaduto construído pelo governo do Estado e sai com a *entourage* dele toda, no horário administrativo, para Jacobina, para fazer

campanha antecipada. Eu e Robinson estávamos no Ministério Público, por isso chegamos atrasados.

Quero dizer, governador, que de tudo que fiz, por sua generosidade, uma das coisas que mais me honram foi ter sido membro da comissão de transição, ter coordenado a transição da educação. Quero destacar o papel de Osvaldo Barreto, membro daquela coordenação, e da professora Enir Bastos que, a convite de Osvaldo Barreto, fez esse processo de transição conosco. Adeum assumiu o trabalho, com todo respeito, já bem redondo em várias áreas, inclusive, na área da educação de jovens e adultos. E a sua decisão, sob a orientação do governador, de conduzir isso é que marca os nossos governos.

Vejam que Rui Costa é um governador que faz metrô, hospitais, estradas. Pessoal, enquanto o Temer fecha os programas, cogita até fechar universidades criadas no governo Dilma, o governador Rui Costa criou na Bahia um programa de assistência estudantil. O menino ou a menina carentes que passaram na cota, que estão na universidade pública estadual, federal ou instituto federal recebem uma bolsa para estudar; criou um programa de emprego; criou um programa de estágio, atendendo à população carente; fez um programa, de 4 anos, para a agricultura familiar, algo em torno de R\$ 100 milhões por ano para a agricultura, para o agricultor, para o quilombola que, invariavelmente, são parte desses atores sociais, ou seus pais ou eles próprios, elas próprias, as mães, as avós, o público do Topa. Isso nos revigora.

Então, Neusa, o convite para estar aqui, como se diz no popular na Bahia: vim me aproveitar, porque renova as nossas energias para continuarmos a lutar com as lideranças de Jaques Wagner e Rui Costa, nós todos, por uma Bahia mais generosa.

Quero encerrar, sugerindo a esta Casa que faça um outro painel. Esse painel, Gratidão do Povo, está na história da Bahia, mas sugiro um painel novo com o povo e essa experiência de uma Bahia generosa. Esta Casa, para corresponder à história recente baiana, precisa de um painel novo com o povo e as políticas públicas generosas para o povo baiano.

Muito obrigado. Parabéns a todos vocês.) (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra, para uma saudação, ao ex-secretário Osvaldo Barreto. (Palmas)

O Sr. OSVALDO BARRETO:- Bom dia a todos.

Serei muito breve. Quero saudar, também, a Mesa, nas pessoas da minha amiga, a deputada Neusa Cadore, do ex-governador Jaques Wagner, tive o prazer de trabalhar com ele durante mais de 5 anos, de Walter Pinheiro, o nosso secretário da Educação, e de Elenir. Nas pessoas deles saúdo o restante da Mesa.

Quando fui convidado para vir a esta sessão, imediatamente me ocorreu aceitar, apesar de outros afazeres, mas organizei minha agenda para vir aqui. Lembro-me, Afonso, que, no processo da transição, eu fiquei. Vocês foram para o governo, terminei chegando depois. E lembro quando vi Wagner lançando o Topa: 1 milhão de alunos. Eu disse a ele uma vez, quando já secretário, que eu tinha tremido na base. Eu disse: Puxa vida, vai lançar uma meta que provavelmente não conseguiremos alcançar.

E depois, Adeum, a quem quero saudar aqui. Ele entra na secretaria... quer dizer, eu termino chegando ao governo em 2009, e tive a oportunidade, durante 6 anos e 8 meses, não diria tocar, mas de apoiar a ação dessa turma que está aqui, de Elenir, do grupo. Interagi muito com esse programa. Entendo que esse programa, que foi criado logo no início do governo, junto com o programa que nós criamos em 2011 – o de alfabetização de crianças – são dois pilares fundamentais da educação da Bahia e da inclusão social. (Palmas)

Creio que não se fará uma boa educação neste País se não dermos as mãos aos municípios. Nós temos de quebrar o isolamento das secretarias municipais da Educação, dos secretários da Educação e dos educadores para criarmos um ambiente na Bahia. E acho que isso tem continuidade na Secretaria. Acredito que é uma política de Estado, alfabetizar é uma política de Estado implantada pelo governador Wagner, e ela continua, porque está sendo tratada como uma política de Estado.

Portanto, eu queria dar, nestes 10 anos do Topa, parabéns a todos aqueles – nós todos – que participam desse esforço! Parabéns ao secretário da Educação, que fortalece e dá continuidade a esse projeto. Parabéns aos educadores e educadoras, porque acho que eles são os pilares dessa empreitada, e também às entidades que participam desse esforço.

Eu queria fazer uma referência muito especial aos municípios, prefeitos e secretários da Educação, porque igualmente tiveram uma participação nessa tarefa.

Digo, governador Wagner, ex-governador Wagner, que o Topa deixa de ser uma política de governo, de Estado para virar uma política da sociedade, dos movimentos sociais. Ele foi abraçado pelos movimentos, transformou-se num grande movimento social. (Palmas)

Portanto, um grande abraço a todos e todas.

Quero fazer uma ressalva: espero que não precise de mais 10 anos! Temos de acabar com essa chaga antes dos 10 anos! Precisamos de mais uns 5 anos aí. E vamos tocar a alfabetização das nossas crianças! Um abraço! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra, para uma saudação, ao ex-secretário da Educação Adeum Sauer. (Palmas)

O Sr. ADEUM SAUER:- Bom dia a todos.

Quero cumprimentar o governador Jaques Wagner – uma vez governador, sempre governador, ao menos no título –, o secretário Walter Pinheiro, a deputada Neusa Cadore, que coordena esta sessão, os deputados Afonso e Robinson, representantes do Instituto Paulo Freire, todos os alfabetizadores, professores, estudantes do Topa, todos os que estão aqui.

Ao assumirmos a secretaria, nós nos deparamos com uma estatística muito negativa para o Estado: quase a população do Uruguai de então, cerca de 2,5 milhões de pessoas adultas analfabetas na Bahia. O Uruguai tinha um pouco mais de população, né? E nos propusemos, como foi dito aqui, a uma meta bem pretensiosa de alfabetizarmos 1 milhão. Hoje, eu já sei que esse 1 milhão já ultrapassou! Já são 1,5 milhão de pessoas alfabetizadas atualmente.

Primeiro, quero parabenizar a todos. (Palmas) Parabenizo a professora Elenir, como foi destacado desta tribuna, pelo trabalho conjunto de mutirão e que desde o início esteve conosco. Continua até hoje. Tantos outros rostos conhecidos que vejo nesta sessão, que estiveram desde o começo e também continuam. Portanto, parabenizo a todos por esse trabalho maravilhoso!

Mas quero destacar um aspecto importante: o simbolismo político que tem esse programa. Sabemos que a modernidade se baseia na ciência, na razão, na tecnologia. E nós ainda estamos no Brasil, por negligência histórica, em muitos lugares, cumprindo tarefas dos séculos XVIII, XIX. Já estamos na pós-modernidade, com letramento digital, e não cumprimos os requisitos da alfabetização, que é pressuposto para esta Era da Informação, a Era da Comunicação. Então, o simbolismo político é exatamente esse.

Recordo-me bem que, estando em Brasília – tivemos o apoio do Ministério da Educação. Porém, agora, soubemos aqui que esses recursos já não vêm mais, o que mostra muito claramente o que isso significa politicamente –, disseram-me então, na época: “Secretário, veja só, é difícil. É melhor investir o dinheiro em outras coisas porque não vai mudar a estatística do analfabetismo. Ela vai mudar, vai acabar quando morrerem os analfabetos. É questão de uma, duas gerações! É melhor investir o recurso em outras áreas, ou mesmo na educação, em alfabetização inicial.”

Vejam só, o simbolismo político é precisamente esse. O governo teve a coragem de encarar e olhar para a alfabetização como uma questão de direitos, e não meramente de estatísticas, de tantos analfabetos. Olhou, sim, para os 2,5 milhões e meio de analfabetos da Bahia. São pessoas que têm direitos que devem ser satisfeitos.

Este foi o esforço do governo: trazer para inserção, para a inclusão na sociedade aqueles mais invisíveis, como foi colocado nos depoimentos de todos aqui. Podemos olhar muito bem as pessoas que estão ocupando as posições mais inferiores na estratificação social. Então, este governo teve a coragem de mostrar a todos simbolicamente, em primeiro lugar, que tem lado, tem lugar, tem princípios. E que a inclusão social, de direitos, principalmente, é que é fundamental. Foi isso que alimentou o programa no início.

Recordo muito bem que o nome do Topa foi dado pelo próprio governador. No gabinete dele, estávamos pensando qual seria o nome, e ele sugeriu Topa, Todos pela Alfabetização. Foi uma unanimidade!

Então, esse programa começou naquela época e persiste até hoje, sem muitos recursos. Parece que com apoio de fora, pelo que estou ouvindo. Mas deve continuar com esforços do governo para mostrar, sim, que ele tem sensibilidade social, olha para aquelas pessoas que procuram a emancipação. E a emancipação, que foi o lema da modernidade, deve continuar a ser o lema da pós-modernidade. E deve ser o lema dos governos que se preocupam em cuidar do seu povo.

Muito obrigado por eu ter recebido esse convite para vir até aqui. Desejo a todos que contribuíram que continuem a contribuir.

Parabéns! Esta celebração é importante, assim como o foi o programa, para mostrar à opinião pública aqueles que por si sós são invisíveis.

Bom dia! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Queria anunciar a presença de Nívea Maria Gomes Araújo, diretora do NTE 15, lá do Território do Jacuípe. E também da Sr^a Josefina Castro, diretora do NTE 05, de Itabuna.

Registro a presença de Eliasibe de Carvalho Simões, que representa aqui a OAB; de Leonardo Souza de Almeida, representando o Sr. Reitor da UEFS, Evandro do Nascimento Silva; e ainda de Danilo Lemos Baqueiro, nesta sessão é representante do diretor-geral do Instituto Anísio Teixeira, Desidério Bispo de Melo.

Agora, um momento muito especial! Concedo a palavra, muito esperada, ao nosso secretário Estadual de Desenvolvimento Econômico, o nosso querido ex-governador Jaques Wagner. (Muitas palmas.)

O Sr. JAKUES WAGNER:- Bom dia! Bom dia, alfabetizados e educados!

Bom, queria cumprimentar a todos com muita alegria por esta manhã de celebração e parabenizar a deputada Neusa Cadore por sua iniciativa, porque celebrar é uma forma de a gente se animar para continuar na caminhada. Se a gente não celebra o trajeto feito, não se anima para o trajeto que está por fazer. Então, eu acho sempre boa esta celebração, porque, na verdade, estamos celebrando aqui algo que considero muito fundamental na vida de todos nós.

Afinal de contas, é 1 milhão 522 mil alfabetizados até 2016, ou seja, 32 mil educadores – número que me deram ali – desde o começo do Topa, homens, mulheres, jovens e adultos dos quatro cantos da Bahia, enfrentando dificuldades. Deve ter gente que deu aula à luz de velas, com fifô, debaixo de árvore, em qualquer canto, e conseguimos fazer algo que parecia inimaginável, conseguimos dar cidadania e dignidade a mais de 1 milhão e meio de baianos, mas ainda temos uma trajetória a percorrer.

Barreto estava me dizendo, quando perguntei a ele, que a média da idade está subindo, o que é um bom sinal, pois conseguimos pegar toda a turma de idade média e menor, eu diria que essa turma já veio à sala de aula. E, agora, temos essa tarefa de fazer o que acho fundamental, a busca ativa, pois não se trata de alguém nos procurar. Trata-se de nós, com a responsabilidade de governante, gestores e educadores, procurarmos quem foi abandonado ao longo de décadas por sucessivos governos negligentes, como diz Adeum. Quero cumprimentá-lo como o primeiro secretário da Educação que começou esse programa.

Mas eu nem acho que é negligência, Adeum. Foi uma série de governos covardes, pois considero uma covardia alguém ser governante, ter a radiografia dessa realidade e não se mexer para superá-la. (Palmas) É a cara da elite brasileira, se é que se pode chamar de elite quem assim se comporta, que negligencia, massacra o povo. Os mesmos que queriam ter as nossas meninas do interior como escravas domésticas em suas casas, trabalhando 24 horas, revoltam-se porque demos carteira assinada e o mínimo direito aos trabalhadores e trabalhadoras domésticas. (Palmas) São os mesmos que acham que as pessoas podem cruzar a vida inteira sem poder ler uma bula de remédio, sem poder ler uma receita de bolo, sem, para quem trata com animal no interior, poder ler como aplicar qualquer tipo de vacina, sem poder saber que ônibus pegar para ir para casa, e por aí vai.

Quero chamar vocês de topadoras e topadores, em vez de chamar de amigos e amigas. Precisamos criar esse neologismo. E temos de terminar essa primeira etapa do Topa, conseguindo zerar, se é que será possível, colocar em números muito pequenos os analfabetos, como são conhecidos.

Acho que depois, continuando esse projeto político, espero que continue para que as coisas não andem para trás, vamos precisar, talvez, ter o Topa com o mesmo símbolo, mas de outras alfabetizações que teremos de fazer. A pessoa pode ser alfabetizada no sentido de ler e escrever, mas pode ser analfabeta nas novas tecnologias, que também passam a ser fundamentais para interagirmos na vida. Ou seja, tem muita coisa para alfabetizarmos, como na política, que acho ser fundamental.

Cumprimentando todos vocês, não consigo resistir a contar um caso que sempre conto quando tem uma Mesa assim muito grande. Para não cumprimentar todo mundo e falhar, pois é muita gente, conto a história do prefeito do interior que, toda vez que ia falar, cumprimentava todo mundo que estava na Mesa, dizia a história de cada um e ainda contava a história de alguns que ele via na plateia e tal. Levava uns 40 minutos só cumprimentando.

Um assessor dele disse: *“Sr. Prefeito, tem que mudar, o senhor gasta quase 40, 45 minutos cumprimentando e o pessoal fica cansado. Vá logo no assunto”*.

Ele perguntou: *“E como é que eu faço?”*

O assessor disse: *“O senhor vai na escola e fala: ‘Professores e alunos...’ No hospital, o senhor fala: ‘Médicos, técnicos, enfermeiros, pacientes...’ Vai em um quartel e fala: ‘Soldados e oficiais...’”*

Ele perguntou: *“Você acha melhor?”*

O outro respondeu: *“É melhor. O senhor entra logo no assunto, não cansa”*.

Ele disse: *“Ah, tá bom”*.

E se foi comportando assim.

Aí, marcaram a reinauguração do cemitério da cidade.

O assessor pensou: *“Rapaz, como é que esse cara vai se virar?”*

Mas ele se virou, e falou: *“Conterrâneos e subterrâneos...”* (Risos e palmas.)

Então, quero cumprimentar aqui, pelo menos, os que eu considero que são os símbolos dessa jornada, como Luciana do Espírito Santo, alfabetizada pelo Topa.

Não precisa vir aqui, só estou lhe cumprimentando. Eu vi sua emoção, que foi igual à minha na primeira formatura do primeiro grupo que se alfabetizou em braile. Quem fez a fala em nome do pessoal, fez em braile. Eu acho que foi mais uma etapa que a gente conquistou.

Cumprimento também a alfabetizadora Andréia dos Santos. Deus lhe abençoe e abençoe a todos os 32 mil. (Palmas)

Eu acho que, repito, a gente tem que celebrar, porque a gente tem que ser otimista. Gostei muito, acho que foi Ângela quem falou que, diante de todo esse *show* de horrores que a gente vê em Brasília, a única coisa que a gente não pode é desistir, porque é isso que eles querem, que a gente desista, mas nós somos nordestinos e a gente não desiste nunca, e nós não vamos desistir. (Palmas)

Eu digo que sou otimista porque eu conheço nossa gente, e a nossa gente é de superar dificuldades. Então, com esse espetáculo de horrores que estamos vendo, talvez se queira, exatamente, que a gente se prostre, que a gente se arrie, que a gente desista da caminhada, e nós não vamos desistir da caminhada na democracia formal, que é a democracia representativa, e na democracia direta, que é o que tem faltado nestes tempos tão duros de democracia representativa.

Reparem: todo mundo me conhece, sou um cara que me considero manso, nisso puxei a minha mãe, que, graças a Deus, está com 93 anos. Considero que o dom da palavra é infinitamente mais forte do que a força do braço. A palavra, sim, consegue transformar. O braço pode destruir com a força da pancada, mas não transforma. Não é pelo medo que nós vamos transformar, é pelo exemplo que a gente transforma, pela atitude.

Eu só acho – daqui a pouco vou ler um trecho de um poeta português – que nós precisamos transformar a nossa indignação em ação, senão não adianta o nosso otimismo, não adianta a nossa persistência. É claro que o ato do voto é um momento, mas a gente tem que ter clareza de que a democracia representativa por si só não anda. A democracia, para ser empurrada, depende de tensão, essa é a verdade. Eu sou um cara manso, mas tenho a convicção desde os meus tempos de sindicato de que se não houver tensão não há caminhada para frente. É preciso tensionar quando

acontecem os absurdos como esse de cortar 90% das vagas a que a Bahia tinha direito para alfabetizar. (Palmas)

É preciso que a indignação se transforme em caminhada, senão ela some no ar. Essa energia que a gente tem e que, graças a Deus, o nosso governo tem, permitiu essa caminhada, e, aqui, agradeço aos três secretários – a Adeum, a Barreto e ao nosso senador Walter Pinheiro, agora secretário da Educação – por essa caminhada. Mas é preciso mais, eu repito que é preciso mais. Nós não podemos só nos contentarmos e irmos à urna votar. É preciso, como foi dito aqui, que, se o Topa virou um movimento social, a gente se organize cada vez mais: pela terra, para produzir, pelo teto, para morar, pelo salário decente.

Nós temos que ser, como diz *Morte e Vida Severina*, o sangue novo que transforma. Eles não gostam de viajar de avião com o filho do peão dentro, mas nós vamos viajar de avião. Eles não gostam de ter filho de peão ao lado de filho de barão na universidade, mas nós vamos continuar colocando filho de peão na universidade. (Palmas) Se não for pelo presidente, será pelo barulho das ruas. É preciso termos claramente que é o barulho das ruas que mexe o Congresso Nacional, que foi o barulho das ruas que fez a democracia brasileira avançar.

Se em 64 muitos dos meus tiveram que entregar a vida para recuperar a democracia, nós não podemos nos conformar com a farsa da democracia que vem-se praticando neste País. O golpe é igual... em minha opinião, pior, porque é hipócrita.

Lá, eles lascaram a Constituição e disseram, para impor um modelo econômico novo a este País, que estavam lutando contra o comunismo, estavam lutando contra a esquerda. Infelizmente, uma classe média que, às vezes, não tem clareza para qual lado tem que ir comprou esse discurso, foi às ruas para instalar no País um governo autoritário que, na verdade, não se instalou por outro motivo, senão para fazer o pacto das elites e instalar o novo modelo econômico, excluindo os trabalhadores e trabalhadoras disso.

A partir de 2016, eles fizeram a mesma coisa, um novo pacto das elites sem a participação do povo, num golpe institucional, num golpe parlamentar. Para quê? Para aquilo que a gente está vendo, como a gente viu em 64, para instalar de novo neste País um modelo econômico de exclusão, de sacrifício de trabalhadores e trabalhadoras, um modelo econômico de sacrifício de aposentados e aposentadas, inclusive aposentados rurais.

Eles não gostam de cheiro de povo, e só deveria estar na política quem é apaixonado por gente, quem é apaixonado pelo povo. (Palmas)

Política não é emprego, política não é profissão, política é sacerdócio, é missão, é para aqueles que sabem que estão aqui para transformar. Eu vou ler aqui – sou judeu de religião, mas isso não me impede de abraçar todas as religiões, porque a intolerância é a antessala do descaminho e da guerra – o que me enviaram hoje, pela manhã, como bom-dia, e achei ótimo, uma fala do Papa Francisco. Ele disse assim: “Os rios não bebem sua própria água, as árvores não comem seus próprios frutos, o sol não brilha para si mesmo e as flores não espalham suas fragrâncias para si. Viver

para os outros é uma regra da natureza. A vida é boa quando você está feliz, mas a vida é muito melhor quando os outros estão felizes por sua causa”. (Palmas)

Com certeza, 1 milhão e 522 mil alfabetizados estão muito mais felizes pela presença dos 32 mil alfabetizadores que se entregaram nessa missão.

É isso que vale a pena, a gente chega na terra nu, sem nada, quando vai para a vida maior, também não leva nada, mas às vezes passa a vida inteira brigando para ter roupa, sapato e outras coisas que lascam até na máquina de lavar. O que não lasca é a paixão que vocês carregam dentro de vocês por terem feito o trabalho que vocês fizeram e a energia positiva de 1 milhão 522 mil que devem orar, rezar, na religião que for, por vocês todos os dias pelo que vocês fizeram por eles. É isso que vale a pena, só vale a pena isso.

Para encerrar, senão vou ficar falando muito, eu só quero ler mais uma coisa de um poeta português. Para vocês verem como eu estou lido, também no meio de uma porção de educadores.... Eu nem conhecia, mandaram-me hoje, de manhã, também. É muita coincidência, não é? As pessoas não acreditam, mas as energias superiores sempre estão costurando para que a gente chegue.

Vocês já imaginaram que ao alfabetizar deram chance aos cristãos de lerem a Bíblia, aos muçulmanos de lerem o Alcorão, aos judeus de lerem a Torá, apesar de que a Torá é em hebraico, mas deve haver traduzida, aos espíritas de lerem os livros de Kardec, porque quando você não sabe ler, até a sua espiritualidade você quer desenvolver mais e às vezes não pode, porque ela depende, realmente, de uma leitura.

Eu queria encerrar com aquilo que já falei de uma outra forma, que é de um poeta português que eu não conhecia, Miguel Torga, pode ser que algum alfabetizador aqui conheça. Ele disse assim: *“É um fenômeno curioso: o país ergue-se indignado, trabalha o dia inteiro indignado, come, bebe e diverte-se indignado. Mas não passa disso. Falta-lhe o romantismo cívico da rebeldia.”* Essa frase achei fantástica. Ele falou “da agressão”, mas prefiro dizer da rebeldia.

O frei Leonardo Boff, esses dias, disse isto: *“O povo tem direito à rebeldia, porque a violência institucionalizada está tão grande que a gente ou se rebela ou a gente vai deixar essas coisas passarem. Somos socialmente uma coletividade pacífica de revoltados”*.

Eu não vou pregar a guerra, e não estou falando de violência, estou falando de ação pela transformação, de atitude, porque acho que violência não gera nada, mas a nossa postura, o nosso movimento, esse vai movimentar a sociedade.

Então, parabéns a vocês 32 mil topadoras e topadores. Agora, só vou chamá-los assim, porque deveria ser um neologismo positivo: eu topo, tu topas, ele topa, nós somos todos topadores.

Um abraço! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito obrigada.

Agora, assistiremos a um vídeo com fotos dos alunos do Topa.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Vamos quebrar um pouquinho o protocolo, a pedido. Concedo a palavra à Dr^a Eliasibe de Carvalho Simões, ela está aqui representando a Comissão de Direitos Humanos da OAB, para uma saudação de 3 minutos.

A Sr^a ELIASIBE DE CARVALHO SIMÕES:- Bom dia a todos e a todas.

Cumprimento a Mesa na pessoa da deputada, defensora da educação no Estado da Bahia. Faço parte da Comissão de Direitos Humanos da OAB, coordeno o projeto OAB Vai à Escola desde 2008, quando foi feita uma parceria da OAB com a Secretaria da Educação. Na época, o secretário era o professor Adeum Sauer, e fomos muito bem recebidos.

Estávamos lutando pela implantação desse projeto desde 2001, mas na época dos governos carlistas – hoje, até não se pode falar mais nisso, porque tudo se misturou – nós não conseguíamos inserir a proposta do projeto para levarmos noções de cidadania para os estudantes. Nós não conseguíamos levar aos estudantes como é o funcionamento dos Poderes, como funciona a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Quando o governo Wagner foi eleito, nós nos aproximamos de algumas pessoas, até porque já fazíamos política de esquerda no movimento estudantil. Eu fui de Viração, nós éramos do PCdoB, clandestino na época. Aproximamos-nos e conseguimos fazer com que o governador aceitasse a parceria com a OAB. O professor Adeum foi quem realmente viabilizou as coisas junto com o Dr. Saul Quadros, que era, então, o presidente da OAB.

Eu estou aqui em nome da Ordem dos Advogados do Brasil, em nome do professor Luiz Viana Queiroz, para parabenizar o Estado por esse projeto que vem sendo feito com muito êxito. Porém, temos pequenas observações a fazer com relação ao treinamento dos educadores. Gostaríamos de pedir ao governo, ao secretário que amplie o treinamento desses educadores, apesar de serem os que estão nas cidades mais próximas de onde tem universidade, que eles tenham um treinamento mais específico para a realidade.

Eu tenho informações, porque sou fiscal de educação desde 2001, quando eu comecei a fazer um projeto voluntário na OAB, que existem em alguns municípios educadores que não fizeram sequer o curso Normal, foram captadas pessoas com 7^a ou 8^a séries para alfabetizar.

Então, eu acho muito importante que possamos utilizar mão de obra dos educadores dentro da Uneb, da UEFS e de outras universidades para que possam dar uma formação maior, ampliar os horizontes. Mas é uma sugestão. Não estamos fazendo críticas, achamos o projeto maravilhoso, vemos o resultado, vemos o esforço

desses educadores. Mesmo em condições difíceis, realmente, eles conseguem fazer com que as pessoas saiam da escuridão.

Eu só tenho uma coisa a colocar, em 2014, o projeto tinha um *slogan*: “Quando todo mundo TOPA, a mudança começa a acontecer”. Eu gostaria de dizer, governador Wagner, que essa coisa de topadores e topadoras está também no art. 205 da Constituição, quando diz que educação é direito de todos e dever do Estado, e deve contar com a colaboração da sociedade. Eu acho que a sociedade tem que se engajar para ajudar a melhorar a expansão e a qualidade do ensino do Topa; dar, realmente, instrumentos para que esses profissionais possam cada vez mais alfabetizar o nosso povo, e que este tenha a capacidade não só de ler e escrever, mas também de interpretar um texto. Acho que assim vamos estar, realmente, com a alfabetização completa.

Agradeço, muito obrigada, e desculpem-me por ultrapassar os 3 minutos.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore): - Concedo a palavra à Sr^a Defensora Pública Mônica Aragão, por 3 minutos, que aqui representa o defensor público-geral, Dr. Clérison Macedo.

A Sr^a MÔNICA ARAGÃO:- Bom dia a todos e a todas.

Vou ser breve para não ultrapassar o tempo, dado o adiantado da hora. Como é dia de comemoração, vou saudar a Mesa nas pessoas da deputada, minha amiga, Neusa Cadore; do ex-governador Jaques Wagner, eterno governador, como diz o secretário; demais secretários aqui presentes; Pinheiro, meu amigo; também o deputado federal Afonso Florence; deputado Robinson; enfim, todos e todas na Mesa.

Falar em educação, doutora que me antecedeu, é falar de um dos mais básicos direitos que está em nossa Constituição Federal. Isso, aí, já sabemos. Mas falar da coragem de homens públicos, como o ex-governador Jaques Wagner, de enfrentar esse *déficit*, de não apenas assistir à realidade que ele encontrou no Estado da Bahia – realidade que nós, defensores públicos, tão bem conhecemos, porque trabalhamos com a população mais excluída, a população que realmente não tem acesso a nada, não tem acesso à terra, como o governador colocou, não tem acesso à moradia, que foi uma das lutas que a gente sempre abraçou –, então, trabalhar com esse público é saber que isso faz a diferença na vida das pessoas. O relato aqui colocado no vídeo, de uma senhora com quase 100 anos, salvo engano, que pôde ler pela primeira vez o nome do ônibus que ela pega para ir para casa, então, isso é o que transforma um estado e um país.

Eu tinha começado a escrever algumas coisas, mas, pelo protocolo, vi que não iria mais falar. Mas me emocionei muito com todas as falas e não estou nem lendo aqui o que escrevi. Queria dizer a vocês que educar é mais do que a educadora falou antes, é mais do que um ato político, transformador e emancipador, é um ato de empoderar as pessoas. E não é qualquer homem público que tem a coragem de

enfrentar esse deficit, porque isso é complicado, porque você vai dar poder às pessoas, poder para que elas pensem, reflitam, para que escolham lá na frente quem elas querem ver no poder.

Então, nesse caos político em que está o País, não podemos nos acovardar e temos que brindar e louvar os homens públicos que têm a coragem de enfrentar as coisas que têm que ser enfrentadas nesse País, de séculos e séculos. Senão não estaríamos com 1 milhão de pessoas aqui precisando serem alfabetizadas (palmas) num tempo tardio, porque essas pessoas não tiveram acesso aos bancos escolares na idade própria em que deveriam ter.

Então, quero dizer a vocês que a Defensoria Pública está à disposição, como sempre esteve.

Nós temos alguns projetos, também, em educação em Direito, doutora, em parceria com a nossa especializada de Direitos Humanos, com a especializada da Infância e da Juventude. Nós vamos às escolas levar educação em Direito, porque é importantíssimo. Porque nós temos que cuidar da base, para que amanhã a gente não assista a um terceiro golpe ou a um golpe dentro do golpe ou a um regolpe, como ficamos assistindo. Precisamos começar de hoje a educar, não só alfabetizar, mas educar para o Direito, educar para a cidadania.

Era isso que queria dizer. Colocar, também, como coloquei para o secretário da Educação, Walter Pinheiro, que a Defensoria firmou um convênio, uma parceria com uma instituição, uma faculdade particular, a Estácio, em que vamos levar psicólogos às escolas. Além da educação em Direito, queremos levar também psicólogos para tratar isso, porque só todos nós... Acho que o nome do programa é muito bacana, parabéns aos idealizadores.

Aqui, saúdo também o deputado federal Robinson, porque sei da participação na comunicação que ele teve e tem.

Então, é só todos nós nos unirmos para que possamos vencer não só esse problema do País, porque não é só mais da Bahia, mas outros problemas sociais. Temos que ter coragem para enfrentar, porque nesse País, do jeito que está, nós temos um direito social diminuído, lesado a cada dia, depois desse golpe de 2016.

Temos que reagir. Temos que, realmente, fazer uma revolução, e tem que ser através da educação.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito obrigada. Dando seguimento, concedo a palavra ao secretário Estadual da Educação, nosso senador Walter Pinheiro. (Palmas)

O Sr. WALTER PINHEIRO:- Bom dia a todos, a todas, “toperos” e “toperas”, segundo Wagner, para não entrarmos nem no conterrâneo, nem no subterrâneo.

Então, quero iniciar, dizendo ao nosso governador Jaques Wagner – até na brincadeira ali tínhamos preparado para botar no final, exatamente, a fala do Papa Francisco. Até disse: “Terminou a conspiração e a troca de mensagens chegando no celular dele” –, quero começar tocando nisso, o que seria o final: o que a gente é capaz de fazer pelo outro e não iluminar a si próprio. Portanto, disponibilizar essa água, disponibilizar esse caminho, disponibilizar essa rota.

É bom a gente lembrar, meu caro Barreto, como as coisas começaram. Se pegarmos o planejamento, é importante que a Bahia faça justiça a esse governador Jaques Wagner, porque ele teve a coragem de preparar o planejamento da Bahia para o ano 2035. É bom lembrar isso!

Wagner fez o caminho, como disse muito bem Afonso. Ele fez o caminho da estrada, fez o caminho da economia, traçou o desenvolvimento e, também, cravou um pilar como importante caminho. Isso se encontra no planejamento para este Estado da Bahia. É a caminhada.

Fez o tripé, ou seja, o tripé do desenvolvimento econômico, da organização, inclusive, do Estado. Mas há outro item mais importante, a peça do tripé mais importante é, exatamente, cuidar das pessoas com o desenvolvimento social, abraçar, chegar. E isso começou com o governo Jaques Wagner, em 2007. Essa foi a questão mais importante!

Obviamente, muitos, no passado, não gostavam de tratar desse tema. Eu não diria que essas pessoas se misturaram com a gente do governo não, meu caro Afonso! Essas pessoas aderiram ao nosso programa. Essa é a diferença! O nosso programa passou a fazer exatamente (palmas) aquilo que é abrir os olhos das pessoas. Eu diria, até, que alguns foram alfabetizados politicamente, pois aprenderam a ler com esse governo que se iniciou na Bahia e com o governo que se iniciou nacionalmente. (Palmas)

Portanto, meu caro Adeum, nessa trajetória, eu diria que você teve a responsabilidade de fazer o que em minha profissão... Eu não sou professor. E alguém agradeceu aqui. Na realidade, eu até fui aluno de um professor, que é o subsecretário, pois tive a oportunidade de ser monitor de Física com ele, dar umas aulinhas e tal. Hoje, ele é subsecretário. O professor na Educação é Enilton, pois a cor do cabelo já revela integralmente. Eu era bem jovem e já era monitor dele. E, na Educação, também está ali a professora Eni. (Palmas)

Então, portanto, o professor Adeum foi quem teve a oportunidade, viu, Adeum... Na minha profissão, quando a gente fazia planejamento para atender às demandas a gente chamava de pingação, marcava os pontos que a gente ia atender. Você teve a oportunidade de fazer a pingação, exatamente olhar o Estado, tentar identificar as dificuldades. Havia lugares onde a gente não chegava, mesmo assim você marcou.

E Barreto teve a oportunidade de, exatamente, providenciar o barco e o leme para a gente poder chegar a lugares como Ilha Grande, que Andréia falou aqui. Andréia, eu conheço a Ilha Grande! É muito fácil alguém falar aqui, agora, das dificuldades de se chegar a cada canto! Eu conheço a Ilha Grande muito antes disso. Estive lá, inclusive, uma vez, com Paulo Jackson, ex-deputado desta Casa, o finado Paulo Jackson.

Estivemos lá sabe para que, Andréia? Para orientar os agricultores familiares, porque eles precisavam ler, Barreto, aquele Tratado de Tordesilhas – ou melhor, como a gente estava falando de Ilha Grande, era um tratado lá depois das ilhas –, para poder assinar aqueles contratos com o Banco do Nordeste, com letrinhas.

A minha mulher brinca comigo até hoje. Eu tenho um filho que é engenheiro químico e ele escreve assim. E minha mulher diz: “Parece até letra de formiga!”

Imaginem quem não tinha, ainda, a possibilidade de ler e não tinha a possibilidade nem de conseguir enxergar os contratos com o Banco do Nordeste.

Depois disso, dessas andanças minhas com Paulo Jackson... Eu conheço o local, Andréia, não de ouvir falar, não de alguém contar a história, mas de atravessar, ir lá para, depois, levar esses agricultores à porta do Banco do Nordeste ali na Lapa. Robinson – você, à época, estava no nosso mandato e acompanhou muito bem isso –, para tentar, inclusive, quebrar a insensibilidade de Marcos Barroso, ex-superintendente do Banco do Nordeste, que não recebia os agricultores.

Andréia veio depois, não para fazer o que nós, eu e Paulo Jackson, fazíamos. Mas Andréia fez ao contrário, fez muito melhor, repito, muito melhor. Foi lá para dizer aos agricultores: “Vocês não precisam de negócio de deputado federal nem de deputado estadual nenhum! Vocês podem ler com os seus próprios olhos nesta mesma Ilha Grande”, fazendo um trabalho digno, fazendo um trabalho coerente.

Eu acompanhei, por diversas vezes, o governador Jaques Wagner em algumas andanças. Uma delas foi ao Derréis. Derréis é uma localidade que fica entre a cidade de Rafael Jambeiro e o ponto extremo da BR, onde nós temos, exatamente, a chegada para cá, no sentido de quem vem para Feira de Santana. Ali por dentro, onde Lula, Afonso, lançou o Programa Luz Para Todos, atingindo, naquela época, 100 mil unidades habitacionais com luz para todos. E uma mulher, numa casa, disse para a gente assim: “Agora, meu filho vai poder fazer o dever de noite”. O filho dela, porque, conseqüentemente, o Topa quando chegou a essa casa serviu para ela a lição, porque na luz de vela as letrinhas balançavam, e com o Programa Luz Para Todos ele agora vai poder ler efetivamente. (Palmas)

Portanto, chegar com alfabetização não é só chegar com o “topeiro” formado, mas é chegar com as condições para que esse “topero”, essa “topera” possam, inclusive, chegar ao local e, efetivamente, enxergar, tirar a toupeira e botar verdadeiros alfabetizadores e alfabetizadoras, para a gente conseguir chegar nesses lugares.

Assim como Wagner presenciou isso, o mesmo Jaques Wagner presenciou cenas importantes, e fez desse caminho do alfabetizar o caminho para levar a condição das pessoas enxergarem, voltarem a enxergar com o programa que permitiu... Inclusive, Neusa, um barbeiro da cidade de Riachão do Jacuípe, quando Wagner esteve lá, disse: *“Eu agora posso voltar a cortar cabelo, porque eu voltei a enxergar”*.

Portanto, associando esse programa a iniciativas que permitam, efetivamente, que as pessoas tenham de volta aquilo que lhes foi retirado: o poder de discernir, a capacidade de conhecer, a condição de, olhando o conteúdo, manipular as habilidades, voltar a ter competência. Portanto, isso é o Topa, isso é esse passo seguinte.

Ainda com Jaques Wagner, tivemos a oportunidade de ver a implementação de outros programas importantes para que pudéssemos levar essa turma para além do Topa. E aí, Barreto, a expansão feita em 2011 com o pacto com os municípios para a gente cumprir a nossa obrigação, porque fica aquela história de que o Estado só tem obrigação de cuidar do Ensino Médio. Essas pessoas que saem da Educação Infantil, do Ensino Fundamental vão chegar ao ensino médio como? Quebradas, sem a menor condição de ir adiante! A nossa obrigação é de interagir lá embaixo. Aí a expansão em 2011, consagrada com esse papel do Estado de fazer chegar, no governo Wagner.

E a grande mudança, quando Wagner fala do ponto adiante, que a Elenir chegou a dizer aqui: *“No início eu achei que não dava, Pinheiro”*. Eu chamei a Elenir e disse assim: *“Nós vamos ter que fazer a ligação agora, viu minha cara amiga do Paulo Freire”*. A gente brinca com a Elenir, que vamos pegar de Anísio Teixeira a Paulo Freire, botar tudo num lugar só, juntar os dois, Anísio e Paulo Freire.

Portanto, alfabetizar de ponta a ponta, criar as condições, Barreto, para que a gente possa tratar, efetivamente, da questão da idade certa. Se não resolver a idade certa, eu, todo ano, vou ter um bocado de gente para depois alfabetizar.

Então, nós alcançamos a marca de cobrir quase toda a Bahia, um trabalho iniciado pelo meu companheiro Adeum Sauer, consagrado em 2011 para trabalhar essa questão da idade certa, da alfabetização, da Educação Infantil por Barreto, e agora a tarefa com Elenir, de juntar esse processo da idade certa, da Educação Infantil, com a alfabetização.

E nós estamos agora, Barreto, com um novo desafio para essa área. Por isso citei aqui o caso do barbeiro. Por que essas pessoas que têm uma profissão, que foram alfabetizadas, não podem voltar agora para a escola? Não para o Topa, mas, por exemplo, para que a nossa escola possa abrigar essa pessoa a partir do seu saber, do seu conhecimento. Um eletricista que teve a oportunidade de ser alfabetizado por nós e que agora vem para a nossa escola para aprender novas técnicas sobre a sua profissão, aprender, inclusive, como aprimorar a sua atividade, aprender técnicas, inclusive, até de como empreender a partir da sua atividade, dando-lhe as condições para que ele possa lograr, cada vez mais, um passo adiante a partir da retirada das vendas dos seus olhos.

Em um dos depoimentos que vocês ouviram aqui, um jovem diz que conseguiu emprego, ele conseguiu um emprego exatamente num momento de um ato do nosso governo. Saiu daquele ato já indicado para um caminho. Portanto, conseguiu, depois da alfabetização, aprimorar as suas técnicas, fazer um curso numa determinada área, curso específico, e conseguiu chegar num local de trabalho e ser efetivamente resgatado daquele profundo processo de abandono em que se encontrava.

Portanto, todas essas coisas vão conspirando, favoravelmente, para que a gente possa avançar. Chegar ao fim também, Robinson, é outra política que nós vamos adotar na Secretaria da Educação agora, usando os agentes comunitários de saúde, a chamada busca ativa. O agente comunitário de saúde visita todo dia uma casa. Ele vai nessas localidades onde Andréia está indo alfabetizar, ele vai ao ponto onde a gente não chega.

Portanto, esse agente terá que trazer de volta para nós a informação de quem naquela casa, Afonso, ainda não foi alfabetizado, quem naquela localidade, quem naquele distrito não foi alcançado, porque, como disse, aqui, o ex-governador Jaques Wagner sobre a questão da idade, as pessoas, quando vão chegando numa certa idade, vão-se retraindo. Têm dificuldade de locomoção e têm dificuldade, inclusive, de aceitar o processo de alfabetização. Portanto, nós precisamos ir ao encontro.

Foi por isso que fizemos uma outra capilaridade: começar agora a formar esses nossos alfabetizadores nos locais onde eles estão. E pegamos, também, um desenvolvimento, que é usando as nossas universidades. Nós chamamos, Barreto, as nossas quatro universidades no eixo. Dissemos: “Venham para cá, chegou a hora de vocês ajudarem da Educação Infantil até o Ensino Superior. Vocês não podem ficar cuidando só da universidade”.

Chamamos as seis universidades federais da Bahia, chamamos dois institutos federais da Bahia, portanto, são 12 instituições de ensino superior, e dissemos a elas: “Agora essas instituições, vocês, precisam formar os nossos alfabetizadores, os nossos professores. Vocês vão descer, ir lá ao ponto. Aquilo que se produz na universidade, tirar da prateleira e botar na prática, em cada território, sem precisar trazer o alfabetizador para Salvador”.

Lá, no território onde ele está, estamos espalhando os pontos em todo o Estado da Bahia. Mesmo lá na Ilha Grande ou mesmo lá longe. Eu estive com Wagner uma vez, na campanha, a 160km da sede de Sento Sé. Sento Sé é o quarto maior município do Estado da Bahia. A 160km da sede não se chega de forma alguma.

Nós temos, Barreto, mais de 500 pontos de satélites fazendo ensino por intermediação tecnológica onde a gente não chega, às vezes, nem de carro, mas chega com o sinal do satélite. Nesses lugares, Barreto, acabamos de tocar com a empresa que fornece o sinal para a gente chegar lá, agora, com internet, para nesses lugares a gente também levar formação, para nesses lugares a gente chegar com informação.

Portanto, aproveitando toda essa experiência. Por isso eu disse a Elenir: *“Agora, você vai ter a tarefa de juntar do início e terminar a sua jornada concluindo, efetivamente, a oportunidade”*. (Palmas) Por isso é que para esses nossos

alunos do Topa há também, agora, a oportunidade para que eles possam prosseguir no Proeja, reconhecer o seu saber, dar um outro caminho.

Minha mãe tem 92 anos e ela aprendeu a ler, efetivamente, usando a Bíblia. Esse foi o caminho de leitura de minha mãe. Hoje, ela lê como ninguém. Faz interpretação.

Mais do que aprender a ler e escrever, é exatamente isso que os nossos topadores e topadoras têm feito pela Bahia, tirando essa toupeira que ao longo dos anos foi instalada na Bahia. (Palmas) Precisamos retirá-la. Essa é a forma mais eficaz: levar às pessoas a condição, para que elas tenham como discernir, como fazer e como caminhar.

Eu me lembro de uma história – e vou encerrar com isto –, de um fato que me contava, certa vez, Damário Dacruz, poeta soteropolitano que se foi, chegou a contribuir com o nosso governo antes de sua partida. Num dos seus trabalhos, Damário Dacruz percorria o Porto da Barra, conversando com aqueles meninos que ficavam ali, falando com os turistas. Ele se impressionou como aqueles meninos que não tinham sido alfabetizados, como eles falavam inglês fluentemente em contato com os estrangeiros. Damário perguntou como eles, que não eram alfabetizados, eram analfabetos, conseguiam pegar os ônibus. Um dos meninos disse a ele que era fácil: *“Está vendo, Damário, aquele ônibus que vem ali, aquela letrinha que faz assim, e a palavra é grande e termina assim, é Aeroporto”*.

Damário perguntou também como ele gravava os outros. Ele disse: *“É simples. Eu vou olhando cada desenho e associo o desenho ao ônibus e associo o desenho à localidade”*. Essas pessoas foram treinadas por si mesmas a tentar identificar traços gráficos.

Os nossos alfabetizadores estão colocando para as pessoas o caminho para que elas possam extrair conhecimento, conteúdo e, principalmente, caminhos para a vida.

Portanto, essa é a diferença, e é por isso que nesses 10 anos a gente tem um desafio.

Eu quero aproveitar, aqui, Robinson e Afonso, e fazer a mesma proposta a vocês: faremos na próxima terça-feira, junto à Comissão de Educação do Senado, a busca de uma representação contra o governo federal pelo corte do programa para o Nordeste, porque é inaceitável. Queria sugerir que vocês fizessem isso também na Câmara Federal, ou, se a Comissão de Educação da Câmara não topar, que a gente tente fazer isso com a Bancada federal da Bahia para que nós possamos entrar no Supremo Tribunal Federal, pedindo para revogar esse corte e serem devolvidos os nossos recursos.

Se não lograrmos êxito com isso, estou autorizado pelo governador Rui Costa a dizer aqui, Elenir, que nós vamos repor esses recursos para fazermos a cobertura da alfabetização na Bahia. (Palmas) É lamentável que um governo movimente o Orçamento para fazer exatamente a “alfabetização”, entre aspas, porque, na realidade, esse é o termo. Poderíamos usar ao contrário, tentando botar venda nos olhos dos

deputados para que apertassem o botão ali, sim. Aqueles olharam as letras como se estivessem olhando cifras. Aqueles olharam as letras como se fossem exclusivamente traços gráficos, e resolveram manter no governo alguém que não tem legitimidade nenhuma.

Portanto, esse recurso gasto para a manutenção do ilegítimo deveria ser transferido para que continuássemos, efetivamente, a alfabetizar homens e mulheres por este País afora.

Um abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Agora, teremos mais um momento cultural com a apresentação a ser feita por Gilbene Esquivel.

A Sr^a GILBENE ESQUIVEL:- Bom dia, topadores e topadoras!

(A plateia se manifesta.)

Está quase boa tarde, por isso foi fraquinho assim, né? Olha só, tenho a honra de emprestar a minha voz para ler dois poemas construídos por pessoas que foram alfabetizadas pelo Topa. Isso é uma honra para mim, agradeço ao meu Deus.

Quero pedir a vocês para me ajudarem com uma coisinha bem legal, que é assim, ó: minhão, minhão, minhão, minhão. Certo? Quatro minhão. Marcelo, segure aí o minhão, porque eu diminuí para quatro por causa da fome, tá? Senão não vai sair o minhão. Bora lá: minhão, minhão, minhão, minhão. Tá bonito! A cada final de estrofe, para chegar e celebrar esses dois poemas que a gente vai ler. Tá bom?

(Lê) *“Muito bom dia senhores*

Saudações a minhas senhoras

Gratidão ao nosso Deus

Por estar com vocês agora

Vim emprestar a minha voz

Pra falar do nosso nós

Em texto que nos ancora

Minhão, minhão, minhão, minhão

Foram feitos por pessoas

Que no TOPA estudaram

Suas mãos eram caladas

No TOPA se libertaram

Hoje as palavras escritas

Se eternizam em conquistas

*E 10 anos se passaram
Minhão, minhão, minhão, minhão
Saudo o Seu Reinaldo
Com seu texto Minha História
Gratidão a D. Vilma
Seu texto, sua oratória
Cordel do TOPA ela dita
E nisso se faz perita
Trazendo viva, memórias.
Minhão, minhão, minhão, minhão
TOPA! 10 ANOS DE GLÓRIA”
(Lê) “Minha História
Eu sou Reinaldo bravo até no nome
Levanto cedo para pegar no roçado
Minha vida é dura.
Não nego, sou alcoólatra e fumante
Trabalho desde minha infância
Estudo no TOPA, cujo programa tirou todo o meu vazio:
O vazio do contorno do lápis ao traçá-lo
O vazio de conhecer o alfabeto e identificá-lo
O vazio de ler o nome e escrevê-lo
O vazio de ter educação e falar
‘obrigado, por favor e com licença’
O vazio de estar em uma fila
Para tirar os documentos
O vazio de colocar a moto no meu nome
O vazio de perdoá-lo
Ainda resta-me alguns vazios,
Mas um só vou enfatizar, dentadura dupla.
Ainda não sou velho
Mas tenho que usá-la.”
(Lê) “CORDEL DO TOPA*

VILMA LIMA ”

É para todos nós esse cordel, é uma alegria esse cordel.

(Lê) “É preciso respeitar o direito da cidadania

TOPA, TOPA tudo é pra todo dia.

Se ter fé é um lema, educa o pai, mãe e a Jurema

Sigo em frente ralando no batente

E os professores me ajudando a cada dia ser valente.

Ser valente é uma dádiva e na educação aprimoro minhas falhas.

Tia Janda, essa é bacana,

Ela faz parte do meu dia-a-dia sempre me acompanha

E se querer é

Se querer, o TOPA cria pra você, pra você

Vou querer viver aprendendo muito mais

TOPA educação é você quem faz.

Vou querer viver aprendendo muito mais

TOPA educação é você quem faz.

Vou querer viver aprendendo mais

Aprendendo mais...”

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Nós temos a certeza de que deveríamos dar milhares de homenagens, de plaquinhas para esta multidão de “toperos” e “toperas” (risos) que participaram do Topa, melhor, topadores e topadoras. (Risos) Mas a equipe se organizou e selecionou algumas pessoas, mas gostaríamos de que todos se sentissem abraçados, homenageados, e recebessem o nosso profundo agradecimento por essa contribuição.

Iniciando a distribuição das placas de homenagem, convido Luciana do Espírito Santo Xavier para entregar ao secretário da Educação Walter Pinheiro a placa de homenagem. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Solicito ao secretário Walter Pinheiro entregar a placa a Luciana do Espírito Santo Xavier, representante de todos os alfabetizados do Topa. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Convido o deputado Afonso Florence a fazer a entrega da homenagem a Aleciene Chaves Gusmão. Ela representa os municípios que mais baixaram o índice de analfabetismo no Estado da Bahia. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Convido a nossa querida defensora pública Mônica para fazer a entrega da homenagem a Maria de Fátima Urpia. Nesta entrega, queremos homenagear todos os técnicos que atuaram no programa Topa pelas unidades formadoras. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Convido Telma Jesus dos Santos para fazer a entrega da homenagem ao nosso ex-secretário da Educação Adeum Sauer. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Convido o deputado Robinson Almeida para fazer a entrega da homenagem ao nosso querido ex-secretário da Educação Osvaldo Barreto. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Convido Francisca Elenir para fazer a entrega a Andréia dos Santos Santana. Andréia aqui representa todas as alfabetizadoras, todos os alfabetizadores. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Andréia, fique por aqui que você vai entregar... é uma troca, viu, você vai entregar a placa a Francisca Elenir Alves, coordenadora-geral da Coordenação de Projetos Especiais.

Convido também a supervisora Moutin, representando aqui todos os supervisores do Topa, para participar. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Convido Ângela Antunes para fazer a entrega da placa de homenagem a Telma Jesus dos Santos. Telma é presidente do Centro Comunitário Batista Soteropolitano e representa todas as entidades e movimentos sociais e sindicais que participam da rede. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Convido o nosso ex-secretário Osvaldo Barreto para fazer a entrega a Ângela Antunes. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Também gostaria de registrar que a senadora Lídice da Mata e a deputada Fátima Nunes mandam uma saudação a todos e a todas. As duas têm compromissos, mas se congratulam com os 10 anos do Topa.

Nós estamos finalizando. Gostaríamos muito de agradecer a todas as pessoas que se envolveram para que pudéssemos ter esta sessão especial, às pessoas que se deslocaram dos seus municípios para vir aqui, por tudo aquilo que cada um fez, independentemente do lugar em que está, do cargo que ocupa. Essa é a grandiosa rede

que hoje a gente pode celebrar e comemorar com tanta alegria, que fortalece a nossa esperança, as nossas crenças e a nossa disposição.

Para encerrar, nós vamos ouvir a execução do Hino da Bahia e, em seguida, há um bolo pequenininho lá no salão, onde a gente pode ainda ter um momento juntos.

De pé para o Hino da Bahia.

(Execução do Hino da Bahia.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradecemos pela presença às autoridades civis, militares, às senhoras, aos senhores, à imprensa, e declaro encerrada a presente sessão.

Muito obrigada!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.